



nº 544

Cadeia Petroquímica e do Plástico, Economia e Política, Sustentabilidade, América Latina e Mundo

26 de maio de 2011* Ano 6

Cadeia Produtiva

Braskem tem maior nível de exportação do ano em abril

A Braskem encerrou abril com exportações de US\$ 218,426 milhões (preço FOB), o melhor resultado da companhia neste ano. Em relação a março, mês no qual a petroquímica ainda enfrentava desabastecimento pontual de produtos por conta do apagão que atingiu o polo de Camaçari (BA) em fevereiro, o resultado representa alta de 24,4%. O desempenho de abril também é o melhor desde agosto do ano passado, quando as vendas somaram US\$ 231,663 milhões, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O desempenho da companhia reflete a melhoria da demanda por produtos petroquímicos no mercado externo e, principalmente, o forte aumento dos preços da cadeia, influenciado pela alta do petróleo. Conforme divulgado pela Braskem, há menos de duas semanas, o preço das resinas ao longo do primeiro trimestre cresceu 7% em relação aos três últimos meses do ano passado. Já os preços de petroquímicos básicos como eteno e propeno tiveram alta de quase 30% em igual período. Apesar desses números, o total exportado pela Braskem em abril foi 5,91% inferior ao registrado pela companhia no mesmo período do ano passado. Na oportunidade, a petroquímica registrou desempenho acima do normal, com exportações de US\$ 232,151 milhões, o melhor desempenho, de todo o ano de 2010. No acumulado dos 4 primeiros meses deste ano, a Braskem totalizou exportações de US\$ 759,885 milhões, retração de 4,97% em relação a igual intervalo de 2010. A Braskem ocupa a 11ª posição entre as maiores exportadoras do País, atrás de Vale, Petrobras, Bunge, Cargill, Samarco, Embraer, ADM do Brasil, JBS, Sadia e Shell. *Informou a Agência Estado.*

Negócios para o Plástico

Eletroeletrônicos: vendas em baixa, estoques em alta no mês de abril

Segundo dados divulgados pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica Eletrônica (Abinee), a Sondagem Conjuntural do mês de abril reforçou os sinais de arrefecimento da atividade do setor eletroeletrônico (que leva plásticos em seu processo produtivo) que já vinham sendo mostrados nas Sondagens anteriores. Na pesquisa de abril, caiu o número de empresas que revelaram crescimento das vendas e encomendas, tanto na comparação com o mesmo mês de 2010 como em relação ao mês imediatamente anterior. O levantamento mostra que o percentual de empresas cujas vendas ou encomendas ficaram abaixo das expectativas atingiu 59% dos pesquisados, o maior desde agosto de 2010. Aumentou o número de empresas cujos estoques, tanto de insumos como de produtos acabados, estão acima do normal. O estudo apurou que a maior parte das empresas não teve dificuldades na aquisição de insumos e matérias-primas (73%). Porém, 66% das entrevistadas pela Abinee perceberam pressões nos preços. A tendência de esfriamento da atividade do setor pode ser verificada, também, nos indicadores de produção do IBGE, que mostram claramente a perda de fôlego da produção de bens eletroeletrônicos (agregação ABINEE). Considerando os índices acumulados em 12 meses, a produção do setor, acumulada até março de 2011, cresceu 3,9% na comparação com o período imediatamente anterior, porcentagem bem abaixo dos resultados apresentados no período de doze meses encerrados em fevereiro/2011 (6,9%), janeiro/2011 (7,5%) e dezembro/2010 (8,5%). O desempenho da produção do setor, ainda com base nos dados do IBGE, tem ficado abaixo do comportamento da indústria de transformação que, no período em questão (doze meses encerrado em março/2011), cresceu 6,6%, resultado da expansão de 16,5% da indústria de bens de capital, 7,2% de bens intermediários e 3,7% da indústria de bens de consumo. Ainda na avaliação da Abinee, o quadro do setor eletroeletrônico é contraditório diante de um ambiente de crescimento econômico que ainda ronda os 4,0% no ano, o que remeteria, normalmente, a um crescimento do setor acima de 10%. *Informou o portal Convergência Digital.*



Sharon Labs, parceira da quantiQ, vai construir fábrica em Indaiatuba

A Sharon Laboratories, empresa sediada em Israel, abrirá a filial Sharon Labs Brasil (SLB) com uma fábrica localizada em Indaiatuba (SP). A unidade é projetada para produzir misturas de conservantes para a indústria cosmética e faz parte de um projeto de investimentos de R\$ 5 milhões, em três anos, que inclui também aportes em tecnologia, laboratório e pessoas. A Sharon Laboratories é parceira da quantiQ, distribuidora de produtos químicos da Braskem, que detém a exclusividade dos produtos do grupo israelense no País. "A decisão de implementar uma fábrica no Brasil foi estratégica para Sharon Laboratories, sendo este país o terceiro maior fabricante de cosméticos do mundo", destacou em nota o diretor executivo da companhia, Assaf Burstein. A SLB pretende fazer da operação brasileira a base para o futuro desenvolvimento do grupo na América Latina. *Informou a Agência Estado.*

CNI: produção industrial recua em abril ante março

A produção industrial brasileira recuou em abril em relação a março, segundo a Sondagem Industrial divulgada hoje pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Em uma escala em que valores acima de 50 pontos indicam crescimento e, abaixo disso, retração, o indicador de produção do mês passado atingiu 47,6 pontos. Em março, o índice havia ficado em 53,3 pontos. "A atividade industrial dá novos sinais de desaquecimento", afirma a CNI. Em abril do ano passado, o nível de atividade havia marcado 51 pontos. De acordo com o estudo, os empresários avaliam que a atividade industrial de abril está abaixo do usual para o período. A CNI destaca que este é o quinto mês seguido em que isso ocorre. Em março, o índice havia sido de 53,4 pontos, ante 62,9 pontos de março de 2010. A utilização da capacidade instalada (UCI) caiu de 47,4 pontos em março para 46,2 pontos em abril, afastando-se

ainda mais da linha divisória dos 50 pontos. O percentual médio do índice chegou a 73% em abril, ante 74% em março. A Sondagem Industrial da CNI foi realizada entre 29 de abril e 17 de maio com 1.442 empresas - 813 pequenas, 416 médias e 213 de grande porte. O estudo mostra, no entanto, que os empresários continuaram otimistas em relação as perspectivas para os próximos seis meses. As expectativas dos industriais sobre a evolução da demanda no mercado interno atingiu 60,7 pontos em maio, ante 61,7 pontos em abril. Já o índice de expectativas para o emprego registrou 54,3 pontos em maio, ante 55,4 pontos em abril. O índice de compras de matérias-primas marcou 58,2 pontos, ante 58,8 pontos. O pessimismo ficou reservado para as exportações, item cujo indicador ficou em 47,9 pontos, ante 49,1 pontos em abril. *Informou O Estado de S.Paulo.*

Fiesp e centrais pedem desoneração da folha e juro baixo

A desoneração da folha de pagamento e a redução dos juros uniram, em São Paulo, entidades patronais e trabalhistas em torno de uma agenda em comum de diálogo com o governo federal. Ao lado de dirigentes da Força Sindical e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, anunciou a intenção das entidades de encaminhar nos próximos dias à presidente Dilma Rousseff um conjunto de propostas de longo prazo para o desenvolvimento da indústria nacional. O diagnóstico é de que a economia brasileira enfrenta uma perda de competitividade no mercado internacional que a tem levado a um cenário de desindustrialização. A intenção da iniciativa é de que seja aberto um diálogo permanente entre as entidades e o governo federal, nos moldes de uma câmara setorial da indústria. "A indústria está sofrendo um ataque de produtos importados. Devemos ter em 2011 um déficit na balança comercial de manufaturados perto de US\$ 100 bilhões. Isso compromete o emprego, a geração de riquezas e o desenvolvimento da indústria brasileira", disse o presidente da Fiesp. "É fundamental que haja, imediatamente, redução de juros, desoneração da folha de pagamento e outras medidas que possam compensar esse roubo de competitividade que estamos tendo com o real sobrevalorizado." As entidades reunidas estudam pedir a desoneração na folha de pagamento dos 20% da contribuição ao INSS, redução dividida em 2011 e 2012. No âmbito fiscal, elas discutem ainda uma alíquota interestadual entre 2% e 4% do ICMS para produtos importados e nacionais. *Informou O Estado de S.Paulo.*



HP atinge a marca de 1 bilhão de cartuchos de tinta produzidos com plástico reciclado

A HP acaba de anunciar que alcançou a marca de 1 bilhão de cartuchos de tinta fabricados com o uso de plásticos reciclados. A meta atingida é resultado de trabalho contínuo no desenvolvimento de programas de reciclagem e reinserção de matéria prima. Neste processo, apenas para 2011, a empresa definiu algumas metas significativas como reduzir em 50% a quantidade de papel e plástico usados nas embalagens de impressoras HP e utilizar 45 mil toneladas de plástico reciclado na fabricação de novos produtos de impressão HP, entre outros. A preocupação da HP com o processo de reciclagem de cartucho de tinta é antiga e se reflete na tomada de decisões importantes. Em 2008, a HP anunciou sua primeira indústria com processo de reciclagem de cartucho de tinta, em Montreal, no Canadá. Por meio deste processo, a companhia pode produzir novos cartuchos de tinta usando tanto os produtos originais da marca quanto fontes como garrafas PET recicladas. Já em fevereiro de 2009, a HP Brasil iniciou as operações de seu próprio Centro de Reciclagem de Cartuchos, o primeiro da América Latina. Ele está localizado em Sorocaba, São Paulo, e tem capacidade para receber mais de mil toneladas/ano de cartuchos. Além da marca recém-conquistada, só para reciclagem de tinta, a HP registra resultados significativos que também merecem destaque como a redução de 22% na pegada

de carbono com relação ao plástico virgem, a diminuição de 69% no uso de água no processo de fabricação de cartuchos de tinta com relação ao plástico virgem, e assim manter cerca de 1,3 bilhões de garrafas de plástico adicionados à composição desta matéria prima e 160 milhões de cartuchos de tinta HP fora dos aterros. *Informou o Portal Fator Brasil.*

Carpete automotivo à base de reciclagem de PET

A líder global do segmento de entretelas, a Freudenberg Nonwovens, marcou presença na maior feira internacional do setor, a Index 2011, realizada em Genebra, na Suíça, em abril, onde recebeu o Troféu de Inovação e Sustentabilidade pelo desenvolvimento da Lutrafor®, uma nova geração de tapetes automotivos. Trata-se de um carpete de carros feito a partir de fibras recicláveis de garrafa PET, com uma aparência de luxo e à alta resistência. Sobre as vantagens da Lutrafor® para a indústria automobilística, vale citar redução de custo, peso, desempenho, além de ser uma solução sustentável. *Informou a redação do Leia!*



Exportação do Brasil depende mais da China

Cresce a dependência do Brasil em relação à China na exportação de produtos básicos. No primeiro quadrimestre deste ano o país asiático comprou 29,14% do total de básicos vendidos pelo Brasil ao exterior. A fatia representa um avanço em relação aos 26,3% no mesmo período do ano passado. A demanda por produtos como minério de ferro, soja e petróleo, combinada com a alta de preços desses itens, fez a China absorver US\$ 9,65 bilhões em produtos básicos brasileiros no acumulado de janeiro a abril. A compra dos chineses praticamente empata com os US\$ 9,68 bilhões em produtos básicos exportados no mesmo período aos Estados Unidos e a toda a União Europeia juntos. Enquanto a participação da China aumentou em quase três pontos percentuais, a fatia americana na exportação brasileira de básicos caiu de 8,07% no primeiro quadrimestre do ano passado para 6,24% para o mesmo período deste ano. A participação das compras dos países da zona do euro caiu de 23,8% para 23%. Os dados são do Ministério do Desenvolvimento (MDIC). *Informou o Valor Econômico.*

Déficit em máquinas

No primeiro quadrimestre o déficit comercial do setor de máquinas e equipamentos atingiu US\$ 5,5 bilhões. O aumento do déficit comercial em relação ao mesmo período do ano passado foi de 33,3%, de acordo com dados divulgados ontem pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). O presidente da entidade, Luiz Aubert Neto, atribuiu grande parte do saldo negativo à concorrência "predatória" da China, que apresenta vantagens, como a ausência de tributação sobre o investimento e o câmbio. O déficit foi resultado de importações de US\$ 8,9 bilhões e de exportações de US\$ 3,4 bilhões. A Abimaq prevê déficit de US\$ 18 bilhões para 2011. *Informou o Valor Econômico.*

Desemprego cai a 6,4% em abril, a menor taxa para o mês desde 2002

A taxa de desemprego apurada pelo IBGE nas seis principais regiões metropolitanas do País ficou em 6,4% em abril, ante 6,5% em março, segundo divulgou o instituto. Esta é a menor taxa para os meses de abril desde 2002. O resultado veio dentro do intervalo das estimativas dos analistas ouvidos pelo AE

Projeções, que previam uma taxa de 6,10% a 6,70%, e colado à mediana, de 6,40%. Em seu comunicado, o IBGE informou que considera a taxa de abril uma "estabilidade" em relação a março deste ano. O rendimento médio real dos trabalhadores registrou variação negativa de 1,8% em abril ante março, mas aumento de iguais 1,8% na comparação com abril do ano passado. O gerente da pesquisa mensal de emprego, Cimar Azeredo, concede entrevista coletiva dentro de instantes para comentar os resultados. A massa de renda média real habitual dos ocupados somou R\$ 34,7 bilhões em abril, com queda de 1,7% ante março, e aumento de 4,3% em relação a abril de 2010. Os dados foram anunciados hoje pelo IBGE, em sua Pesquisa Mensal do Emprego (PME). Já a massa de renda média real efetiva dos ocupados chegou a R\$ 34,5 bilhões em março, com queda de 1,6% ante fevereiro, e aumento de 4,1% na comparação com março de 2010. O rendimento médio real efetivo sempre se refere ao mês anterior ao da PME. A população ocupada nas seis principais regiões metropolitanas do País foi de 22,3 milhões de pessoas em abril deste ano, o que representou uma estabilidade ante março. Mas isso significou uma alta de 2,3% na comparação com abril de 2010. *Informou O Estado de S.Paulo.*



Brasil sugere cotas informais à Argentina

O governo brasileiro está disposto a aceitar restrições "voluntárias" de exportação de produtos para encerrar a disputa comercial com a Argentina, revelou uma autoridade que acompanha as negociações com o país vizinho. Nos próximos dias, o governo deve entrar em contato com as associações empresariais para ver a receptividade à ideia, apresentada pelos argentinos e que já foi posta em prática no passado em acordos de cotas informais de exportação, como o de calçados - nem sempre respeitado pelos argentinos. Segundo informou um integrante do governo brasileiro, as linhas gerais do acordo foram delineadas pelo secretário-executivo do ministério do Desenvolvimento, Alessandro Teixeira, e o secretário da Indústria argentino, Eduardo Bianchi. Os dois deverão reunir-se de novo em uma a duas semanas. O Brasil só aceita cotas se os argentinos liberarem os produtos retidos à espera de liberação nas alfândegas há mais de 60 dias, como calçados, eletrodomésticos da linha branca, tratores e colheitadeiras e doces (produtos que levam plásticos em seus processos produtivos e embalagens). Os argentinos têm insistido em reivindicações contra o que consideram protecionismo brasileiro. Os dois governos têm apresentado números diferentes sobre o desempenho comercial bilateral e um dos pontos na negociação, será a tentativa de harmonizar os dados. Outro, o de chegar a limites de exportação aceitáveis aos dois lados. *Informou o Valor Econômico.*

Petrobras mantém prazo para PDVSA fazer aporte na refinaria Abreu e Lima

Paulo Roberto Costa voltou a afirmar que a estatal só vai esperar até agosto, a definição da venezuelana sobre a participação na refinaria de Abreu e Lima, que está em construção em Pernambuco. O executivo lembrou que a Petrobras pegou um empréstimo de R\$ 10 bilhões no BNDES e que o dinheiro dessa operação acaba em agosto. Costa lembrou que a PDVSA está com dificuldades de assumir os 40% que seriam de responsabilidade da companhia venezuelana no financiamento dado pelo BNDES. "O entendimento da Petrobras é de que, se chegar agosto e a PDVSA não tiver assumido [a participação no empréstimo], entenderemos que PDVSA não quer participar da refinaria", disse, lembrando que a estatal brasileira continuará a tocar a obra, mesmo que a parceria não se concretize. O diretor explicou que 35% das obras da refinaria já foram feitas. A expectativa da companhia é iniciar a operação da unidade em 2013, com o início do refino no primeiro trem, que terá capacidade de processar 65 mil barris/dia. *Informaram o Valor Econômico e a Agência Estado.*

Clariant Argentina amplia capacidade de produção de emulsões Mowilith

Para atender às demandas do mercado e ampliar o portfólio de produtos, a Clariant instalou um novo reator em sua planta de emulsões na unidade industrial argentina, que vai possibilitar incrementar em 35% a capacidade produtiva. Com a instalação de um novo reator na planta industrial localizada em Zárate, província de Buenos Aires, a Clariant aumentou em 35% sua capacidade de produção de emulsões Mowilith, principalmente destinada a sua ampla linha de copolímeros e terpolímeros. Esse investimento também permitirá que a unidade expanda seu portfólio de produtos, incorporando à sua produção local, entre outros, uma linha de terpolímeros elastoméricos e novas alternativas de emulsões para esmaltes e vernizes aquosos. A expectativa da empresa com esse incremento de produção é otimizar os prazos de entrega e aumentar o volume de negócios existentes, pois poderá atender a uma demanda crescente. “As demandas do mercado vêm crescendo na última década, e a Clariant está empenhada em acompanhar este crescimento e oferecer a seus clientes soluções customizadas, com o apoio de sua rede global de Pesquisa & Desenvolvimento”, pontua Guillermo Bruno, gerente da Business Unit Emulsions para Clariant Argentina. Ele observa que, além de fazer frente ao consumo doméstico, essa expansão também vai beneficiar os mercados do Uruguai e do Paraguai, que são atendidos por essa planta industrial. *Informou a Latin Chemical.*



Petroquímica tem grandes expectativas com *shale gas*

Depois de alterar as perspectivas do setor energético dos Estados Unidos, o *shale gas* (gás de xisto) começa a influenciar a indústria petroquímica mundial. Isso pode ser visto com a intenção da brasileira Braskem, de construir uma nova fábrica nos EUA, a partir do gás natural. Os estudos da companhia surgem em um contexto de retomada de capacidade de instalações fechadas e novos investimentos, processo que está diretamente relacionado aos atuais baixíssimos preços do insumo no mercado americano. Esse tema adquiriu relevância na indústria energética dos Estados Unidos nos últimos anos após o desenvolvimento de novas técnicas de exploração, que tornaram economicamente viável a produção desse gás não convencional. Como a exploração das reservas de *shale gas* está apenas começando, não há a expectativa de que as cotações do Henry Hub subam no horizonte de curto prazo. Justamente esse quadro favorável de preços tem estimulado a retomada da petroquímica nos EUA. Ao final de abril, a Dow Chemical anunciou o plano de ampliar a produção de etileno e polipropileno, usando como matéria-prima o *shale gas* produzido nas bacias de Eagle Ford e Marcellus. Em comunicado divulgado ao mercado, a companhia argumentou que o uso do gás não convencional torna a produção dos petroquímicos, muito mais competitiva. Outra empresa que estuda um cracker de etano, a partir do *shale gas* é a americana Chevron Phillips Chemical. Por contar com grandes volumes de gás a baixo custo, o Oriente Médio ganhou destaque nos planos de expansão do mercado nos últimos anos. Com o *shale gas*, isso pode mudar, levando em conta que o dólar desvalorizado torna as exportações americanas mais competitivas. Outra vantagem é que as reservas de *shale gas* estão localizadas nos principais centros urbanos dos Estados Unidos, que dispõem de uma robusta (e amortizada) malha de gasodutos, barateando os custos de transporte. A grande expectativa criada pelas petroquímicas americanas, em torno do *shale gas*, comprova a tendência de as novas capacidades se basearem no gás natural. Em razão da alta do preço do petróleo, os projetos petroquímicos baseados na nafta estão menos competitivos que as rotas a gás, o que justifica a expansão do setor no Oriente Médio. É nesse contexto que a Braskem e a Petrobras optaram por modificar a concepção do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), substituindo o petróleo pelo gás natural, na produção dos insumos petroquímicos. *Informou a Agência Estado.*

Novos projetos petroquímicos continuam sendo implementados nos EUA

A Westlake anunciou um programa de expansão, que inclui o aumento de capacidade da planta de eteno base eteno de gás natural em Lake Charles, Louisiana, nos EUA, e a avaliação das opções de expansão para as plantas de produção em Calvert City, Kentucky, também nos EUA. A expansão do cracker de eteno da Westlake na sua primeira fase irá aumentar a capacidade, já até o final de 2012. Isto demonstra que os projetos de extração e produção de etano do gás natural do shale gas estão rápidos na sua implementação. E os americanos têm os hubs para distribuição quase todos prontos. De acordo com o Albert Chao, Presidente e CEO da Westlake Chemical, de expansão da empresa, o programa é principalmente para reduzir suprimento externo de eteno para a sua produção de PVC, por exemplo. *Informou a MaxiQuim,*

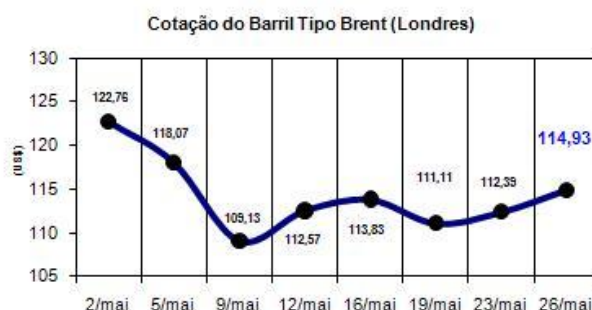
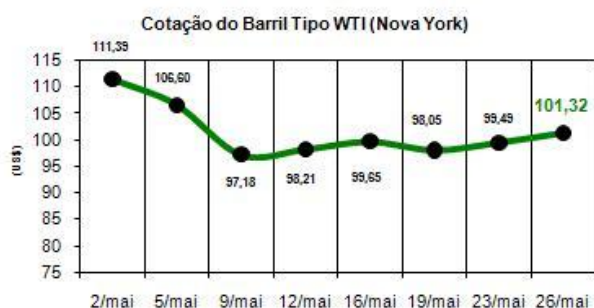
Sunoco vai vender unidade

A Sunoco concordou em vender uma planta química e seu inventário de produtos de fenol e acetona para a Honeywell International por US\$ 85 milhões. A unidade é localizada na Philadelphia. O negócio deve ser fechado no Q3/2011 e vai de encontro à estratégia da Sunoco de focar-se em outros negócios, como combustível e logística. *Informou a MaxiQuim.*



Petróleo fecha em alta

Os contratos futuros de petróleo fecharam o dia negociados em alta no mercado internacional, impulsionados pela queda inesperada das reservas de destilados e pelo enfraquecimento do dólar. Na Bolsa Mercantil de Nova York (Nymex), o contrato do petróleo WTI com entrega para julho encerrou a jornada com alta de US\$ 1,73, cotado a US\$ 101,32 o barril, quanto o contrato para agosto valia US\$ 101,82 o barril, o que representa uma valorização de US\$ 1,76. Já o contrato do petróleo Brent na Intercontinental Exchange (ICE) para julho chegou ao fim do dia negociado a US\$ 114,93, com aumento de US\$ 2,40. O contrato com vencimento em agosto avançou US\$ 2,38, para US\$ 114,55 o barril. *Informaram as agências internacionais.*



Prorrogadas as inscrições para o 11º Prêmio ABRE da Embalagem Brasileira

Foram prorrogadas para o dia 27 de maio as inscrições para o Voto Popular do Prêmio ABRE da Embalagem Brasileira, premiação institucional do setor referendado pela sua expressividade, qualidade e seriedade e que é realizado pela ABRE - Associação Brasileira de Embalagem. A nova categoria Voto Popular Consumidores é uma das novidades desta edição. Ela permite que todos os consumidores votem através do site em sua embalagem favorita. Agências de design e de publicidade, fabricantes de embalagens, de insumos e matérias-primas já podem se inscrever no 11º Prêmio ABRE da Embalagem Brasileira. Maior premiação institucional do setor no Brasil, o concurso tem como missão estimular a indústria ao premiar a inovação e excelência no design, na estrutura, na tecnologia e na funcionalidade das embalagens. Os projetos premiados serão expostos nas principais feiras mundiais, como a Pack Expo e a Package Design. Os vencedores estarão credenciados para concorrer ao WorldStar, o mais importante prêmio internacional da categoria. Informações no www.abre.org.br.

Curso Mobiliários Adaptados em PVC

O Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE/FGV) em Curitiba promove curso para o desenvolvimento de mobiliários adaptados em PVC para crianças com disfunções neuromotoras nos dias 28 e 29 de maio. O curso tem o objetivo de propiciar a inclusão de pessoas com deficiência e seus familiares no mercado de trabalho, por meio do cooperativismo, promovendo a geração de emprego e renda, proporcionar a multiplicação de conhecimentos técnicos em mobiliário adaptado, visando a capacitação de agentes multiplicadores na cidade de Curitiba e confeccionar equipamentos em PVC com baixo custo para crianças com disfunção neuromotora. Informações pelo telefone: (41) 3388-7837 ou edivaldo.junior@isaebrazil.com.br.

Sinproquim debate as atualizações na legislação para transporte de produtos químicos

O Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado de São Paulo (Sinproquim) promoverá, na manhã do dia 7 de junho, um debate sobre as atualizações na legislação e normas técnicas vigentes no país para o transporte terrestre e homologação de embalagens de produtos químicos e resíduos perigosos. O objetivo do evento é orientar e tirar dúvidas dos representantes das indústrias com os especialistas Glória Benazzi (engenheira química e consultora da Sinproquim) e Ariosvaldo Francisco Paes (da Slotter Indústria de Embalagens). "A intenção é evitar sanções e melhorar o entendimento do setor sobre normas e legislações que regem este tipo de transporte", afirma o Nelson Pereira dos Reis, presidente da entidade. O evento ocorre das 8h30 às 13h do dia 7 de junho. O investimento para participar do evento é de R\$ 50 para associados do Sinproquim e R\$ 100 para não-associados. O evento ocorre na sede do sindicato, na Rua Rodrigo Cláudio, 185 (São Paulo). As inscrições estão abertas até o dia 1º de junho. A confirmação deve ser feita pelo e-mail eventos@sinproquim.org.br ou pelo telefone (11) 3287-0455.

ABIEF organiza Flex 2011 - 2º Fórum Latino-Americano de Embalagens Plásticas Flexíveis

A ABIEF realiza no dia 8 de junho a 2ª edição do Flex – Fórum Latino-Americano de Embalagens Plásticas Flexíveis. O evento acontecerá em paralelo à Fispal Tecnologia, maior e mais importante feira de processos, embalagem e logística para as indústrias de alimentos e bebidas da América Latina. O tema central desta edição será "Pensando o negócio de embalagem a partir das novas forças dos mercados nacional e internacional: contract packaging, logística e rastreabilidade, marcas exclusivas, políticas governamentais e reciclagem energética". Entre os palestrantes confirmados estão Marcelo Spohr, da área de Inteligência Tecnológica da Braskem com o tema "Reciclagem via recuperação energética: panorama internacional e a situação no Brasil" e Patrick M. Farrey, Executivo da CPA

(Contract Packaging Association) dos EUA com o tema "Contract packaging, as razões para uma prática de sucesso. Um modelo de negócios inspirador para a indústria de flexíveis". A programação oficial pode ser encontrada no site da ABIEF (www.abief.com.br). O evento acontecerá no Hotel Holiday Inn Parque Anhembi, em São Paulo, das 8h30 às 17h do dia 8 de junho.



"Banir a sacolinha não vai tornar o Brasil uma potência verde"

Para o presidente da Plastivida, Miguel Bahiense, o grande vilão ambiental do país é o desperdício, associado a um sistema de coleta seletiva que deixa muito a desejar.

A sacolinha plástica está no banco dos réus. Na semana passada, São Paulo, a maior capital brasileira, proibiu a distribuição da embalagem pelo comércio. Em março, Belo Horizonte já havia aprovado uma lei semelhante. O movimento é endossado por argumentos ambientalistas contrários aos efeitos supostamente negativos que a sacolinha teria sobre a natureza – entre eles, o fato de ser feita com uma resina do petróleo e demorar até quatro séculos para se decompor.

Mas há controvérsias. "A Ciência já comprovou que a sacolinha de plástico é sustentável e faz bem para o meio ambiente", defende Miguel Bahiense, presidente da Plastivida e do Instituto Nacional do Plástico (INP). Engenheiro químico por formação, ele tem se posicionado contra o banimento e em favor do consumo responsável das sacolinhas.

Em entrevista à EXAME.com, Bahiense diz que o problema ambiental do Brasil chama-se desperdício, que a lei da sacolinha não tem nada de 'verde' e que alternativas como o plástico biodegradável, feito de milho, estão longe de ser a solução. Confira.

EXAME.com – Nos últimos anos, a sacolinha virou um vilão ambiental. Como o setor de plástico tem acompanhado essa questão?

Miguel Bahiense – Nós entendemos que o problema não é do produto em si, mas do desperdício. Há muito tempo, as sacolinhas eram fabricadas com uma espessura que suportava de 6 a 7kg. Até que, na tentativa de reduzir os custos de produção para a indústria e baratear a compra pelo comércio, ela foi ficando mais fina e frágil. Com o tempo, o consumidor começou a colocar uma sacola dentro da outra para reforçar. Aí surgiu um negócio que não existia: o desperdício. Chegamos a um momento em que a profusão de sacola era tamanha que começou a chamar muita atenção. Sem um destino certo, um plástico descartado em um rio, não afunda, ele boia e fica bem visível. A partir daí o discurso ambiental contra sacolinha ganhou força.

EXAME.com – A Plastivida esteve à frente de um campanha pela redução do uso de sacolinhas em 2008. Não é contraditório que o setor estimule o uso consciente? Afinal, para o fabricante é interessante vender sempre mais...

Miguel Bahiense – Quando o programa foi implementado, havia um aumento crescente da opinião pública sobre o que se via no mercado. A indústria enxergou esse problema e pensou: 'ou a gente passa a trabalhar de forma correta ou o nosso negócio vai acabar, porque a cobrança ambiental é crescente'. Através do INP, reavaliamos a norma técnica para fabricação de sacolas de forma que ela tivesse uma resistência maior.

Em paralelo começamos a educar os fabricantes para que produzissem sacolas dentro da norma. Aos varejistas, mostramos que se optassem por um produto de qualidade, eles ajudariam a reduzir o desperdício. O resultado foi significativo. Em 2008, eram fabricadas 17,9 bilhões de sacolas. Em 2010, foram 13,9 bilhões. A estimativa até o final de 2011 é reduzir em mais 700 milhões de sacolas.

EXAME.com – Restringir o uso da sacolinha por lei não ajuda a solucionar o problema do desperdício?

Miguel Bahiense – A lei da sacolinha não tem nada de sustentável. Sustentabilidade é um tripé, que só se mantém se os três pilares (o econômico, o social e o ambiental) forem atuantes. Leis como a de São Paulo não atendem à nenhum deles. Do ponto de vista ambiental, os estudos mostram que a sacola não é o problema, ela, ao contrário tem o melhor desempenho ambiental quando comparada a outras alternativas.

Segundo um estudo inglês, de nove categorias ambientais avaliadas, a sacolinha teve o melhor desempenho em oito delas. E em segundo lugar, ficaram as ecobags de plástico. Então o plástico se mostrou um produto essencial do ponto de vista ambiental.

EXAME.com – O Brasil sediou a ECO-92, ano que vem teremos a conferência do clima, a RIO+20, e em paralelo há uma política nacional de resíduos sólidos sendo implementada. Será que o banimento das sacolinhas não iria acontecer mais cedo ou mais tarde num país que quer se tornar uma potência ambiental?

Miguel Bahiense – Banir a sacolinha não vai tornar o Brasil uma potência verde. É muito fácil culpar algo específico do que olhar o próprio umbigo e reconhecer a sua parcela de culpa no problema. De um lado, a indústria errou por ter fabricado o que o supermercado pedia – uma sacola sem qualidade, mas barata para o cliente e de baixo custo de produção. Do outro lado, o varejo agiu errado ao demandar uma sacola fora da norma.

E acima disso tudo, tem o poder público incapaz de reconhecer as suas falhas, de não oferecer uma simples coleta de lixo eficiente, muito menos uma coleta seletiva eficaz em todo país. Apenas 4% dos municípios têm algum tipo de coleta seletiva. Como você espera que um produto – seja ele saco plástico, copo, garrafa de vidro – seja reciclado por aqui? Hoje, apenas 20% do plástico produzido no Brasil é reciclado. Temos uma indústria de reciclagem ociosa.

EXAME.com – Afinal, qual a parcela de culpa das sacolinhas plásticas na questão ambiental? Considerando que ela vem de uma resina feita de petróleo e demora quase 400 anos para desaparecer...

Miguel Bahiense – Mas que bom que ela demora todo esse tempo. Que ótimo. Tudo o que é fabricado traz um impacto ambiental, tem uma pegada de carbono. Quando eu produzo uma sacolinha, o carbono do petróleo virou um produto e esse produto não se degrada, porque o carbono está

aprisionado ali, ou seja, ele não contribui em absolutamente nada para o problema do efeito estufa. Sobre a origem fóssil, apenas 4% de todo o petróleo extraído do mundo é aplicado na produção de plásticos.

Aliás, essa é a aplicação mais inteligente do petróleo que existe, pra fazer plástico. Pior são os 88% de petróleo extraídos do mundo e usados para calefação em países frios e no transporte. Essas são as aplicações mais estúpidas do petróleo, porque extrai o carbono da terra, e durante a queima, emite o carbono para a atmosfera.

EXAME.com – Agora há outros tipos de plástico, considerados mais sustentáveis, como o de milho, o verde de cana-de-açúcar, o oxidegradável... Qual o de menor impacto ambiental?

Miguel Bahiense – O plástico comum tem como matéria-prima o petróleo, não renovável. O de cana de açúcar tem, ao final de sua vida, as mesmas características do plástico comum, mas sua origem é renovável. Esse saco tem ainda uma característica curiosa, enquanto a cana tá crescendo ela está tirando CO₂ da atmosfera, ela tem uma contribuição ambiental importante do ponto de vista da pegada ambiental. Mas ainda trata-se de um produto novo, com tecnologia em desenvolvimento e de custo elevado.

Já o oxidegradável é um plástico de petróleo ou de cana que recebe um aditivo que acelera o processo de degradação. O plástico biodegradável, de milho, por exemplo, tem esse processo de retirada de carbono, mas em determinado momento se a biodegradação ocorre ele emite o carbono, coisa que não acontece nos outros dois.

EXAME.com – Quer dizer que o saco comum é melhor que o biodegradável?

Miguel Bahiense – Hoje a ciência mostra que um plástico biodegradável tem um desempenho ambiental muito pior que o de petróleo, o que parece um absurdo, mas é verdade. Vejamos o saco biodegradável feito de amido de milho, matéria-prima renovável e que demora 180 dias para se decompor. De fato, temos uma melhora significativa na mudança de fonte. Mas essa sacolinha também emite gás, CO₂ ou metano, dependendo do meio.

Mas num aterro sanitário não existem condições pra que a biodegradação aconteça, seria preciso uma usina de compostagem pra fazer isso. Imagine se 70% do volume de lixo gerado em São Paulo, de 11 mil toneladas/ dia, fosse biodegradado todo dia. Seria tão nocivo para a questão do aquecimento global, como a emissão de gás metano pela população mundial de vacas.

EXAME.com – O senhor usa Ecobag?

Miguel Bahiense – Eu não tenho ecobag porque sei que é pior. A sacola comum, fabricada dentro da norma, é melhor que uma ecobag de pano. Eu gostaria que as pessoas tivessem o mesmo nível de entendimento que tenho pra entender isso. Sem a sacola comum, a segunda melhor opção é a ecobag de plástico, e se eu não tiver nenhuma dessas duas, realmente não sei qual a melhor opção. Não é porque sou presidente de uma entidade que defende a sacola. É porque tenho a informação de que essa é a melhor opção do ponto de vista ambiental, social e econômico.

Veja bem, dependendo de como for usada a sacola plástica também pode ser considerada uma ecobag, que nada mais é do que uma sacola reutilizável, que você usa várias vezes. Se eu tenho uma sacola plástica com qualidade que aguante 6kg, será que a sacolinha plástica, hoje vista como vilã, não viraria uma ecobag, não seria retornável?

Entrevista publicada no portal Exame.com em 24/05/2011.

O Leia! segue as normas da Nova Ortografia dos países de língua portuguesa.

Expediente

O Leia! é produzido com base em leituras de jornais, revistas, agências, sites de notícias e boletins corporativos dos principais setores ligados à petroquímica, reuniões e eventos realizados na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Comitê Editorial

Presidente: Luis Mendonça

Assuntos Fiesp/Siresp: Rosana Paulis e Eduardo Sene

Editor: Marcio Freitas

Redação: Bárbara Venegas, Bruno Pedroni e Fernanda Dalla Costa

Jornalista responsável: Roberta Provatti - MTB 24197/SP

Acesse nosso site
Clique aqui
www.siresp.org.br

SIRESP
Sindicato da Indústria de Resinas Plásticas